

COMUNIDADE DE AGRICULTORES PRECEDEU OS OPERÁRIOS QUE ERGUERAM A VILA PARANOÁ

ANTES DOS PIONEIROS

Clarissa Lima

Da equipe do **Correio**

A história dos anônimos que construíram Brasília ganhou mais um capítulo. Desta vez, o cenário é o Lago Paranoá, ou melhor, o lugar onde antes nem lago havia. Exatamente em 1957, quando só existia uma vila de agricultores às margens do rio Paranoá. Eles foram surpreendidos com a chegada de uma leva de máquinas e operários para o início das obras. Ao final da construção, em 1960, a vila abrigava 20 mil moradores, em cinco mil barracos.

Migrantes que vieram tentar a vida na Nova Capital, como chamavam Brasília, e goianos que moravam na comunidade ribeirinha são os personagens do vídeo *Memórias de Cá e de Lá — Paranoá-DF*, lançado na semana passada.

O projeto contou com o patrocínio do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional),

da Fundação de Apoio à Pesquisa e do Decanato de Extensão da UnB. O vídeo será distribuído na rede pública de ensino do Distrito Federal.

O trabalho foi feito por uma equipe de pesquisadores do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF (Depha) e do Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória no Centro-Oeste (Necoim), da Universidade de Brasília (UnB).

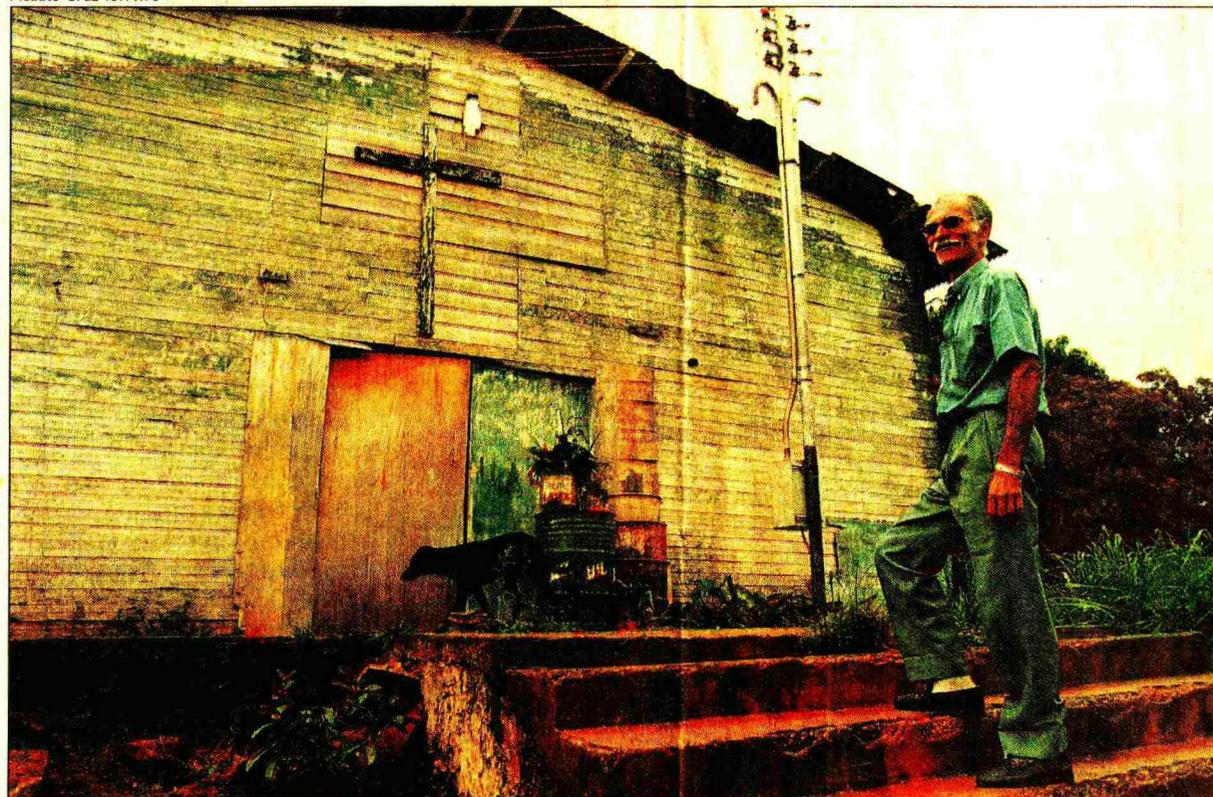
O material faz parte do projeto *Abrigos da Memória*, que está sendo desenvolvido pelas duas instituições. O trabalho de pesquisa, que será transformado em livro, durou três anos. Foi o tempo necessário para encontrar os chamados pioneiros de Brasília. A maioria já havia morrido ou mudado de cidade.

No início, as construtoras só ofereciam acampamento para os homens. As famílias tinham que se alojar em barracas improvisadas nas redondezas. Assim foram criadas as vilas Piauí, Sapo, Parafuso e a dos Mineiros, que não dispunham de infra-estrutura básica, como saneamento e iluminação.

VILA DE AGRICULTORES

O que mais impressionou os pesquisadores foi descobrir que os operários não foram os primeiros habitantes da região. “Tínhamos uma suposição de que existia uma vila de agricultores na área, mas só confirmamos isso durante a pesquisa”, afirma a coordenadora do trabalho, Teresa Paiva Chaves.

Adauto Cruz 13.11.98



Valdivino Rios de Souza e o único resquício da época em que era construída a barragem: a igreja São Geraldo

Os poucos registros da época só confirmam a existência de seis mil moradores na área onde foi implantado o DF. Os dados são do censo do IBGE de 1957. Os pesquisadores acreditam que a comunidade ribeirinha somava 200 pessoas.

“Eles sobreviviam da agricultura. Quando precisavam de alguma coisa, se dirigiam a Planaltina, a cidade mais próxima. A chegada do acampamento trouxe a infra-estrutura de saúde e escola, por exemplo, para

mais perto dessas pessoas”, conta Teresa.

Gente como a doceira Geni Paiva Rodrigues, 52 anos. Ela nasceu em Formosa e se mudou para a vila aos sete anos de idade. “A gente morava em uma chácara. Plantávamos de tudo: milho, arroz, feijão e algumas frutas. A fartura era tanta que, na época da colheita, a gente dava alimentos”, lembra.

Ela conta que a chegada dos operários alterou pouco a rotina do lo-

cal, mas trouxe algum dinheiro para as famílias de agricultores. “Eles sempre nos visitavam para pegar frutas ou comprar alimentos. A nossa relação era muito boa”, diz. Tão boa que foi com um pernambucano, o operário José Rodrigues Filho, que Geni se casou, aos 17 anos, e com quem teve sete filhos. “Sinto que vi Brasília nascer. Sei que não fiz nada, mas tenho orgulho de ter assistido ao seu crescimento”, alega-se Geni, viúva há dez anos.

No acampamento, o clima era de família. “Só era dizer que era do Norte, que a gente já tratava como irmão. Todo mundo veio para cá com dois objetivos: juntar dinheiro e voltar para a sua terra natal. O salário era mais que o dobro do que a gente recebia em outros lugares. Também tenho saudades do tempo de tranquilidade, em que a gente dormia com a porta da casa aberta”, lembra o baiano Valdivino Rios de Souza, 62 anos, que trabalhou como operário na construção da barragem.

Da Vila Paranoá, só resta a igreja São Geraldo, construída para os operários em 1966. O prédio foi tombado em 1993, pelo decreto 15.156. O acampamento foi destruído em 1988. No ano seguinte, fundou-se a cidade do Paranoá, que conta atualmente com 50 mil habitantes.

O processo de regularização da vila começou em 1988, com o decreto nº 11.208/88, que regulamentou os critérios de ocupação, fixação dos moradores e a gradual melhoria urbana da vila. A alegação era de que as características geológicas da área ocupada inviabilizavam a criação de uma infra-estrutura básica.

Foi, então, proposta a remoção da população para um novo loteamento, numa área de aproximadamente 200 hectares, onde se ergueu a cidade atual. A lembrança do passado está guardada na paisagem que vislumbram do lago. Uma vaga recordação de um tempo em que foram felizes.